



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ARQUEOLOGIA DE UMA FORÇA FEMINISTA: NARRATIVAS DE ACADÊMICAS NORDESTINAS EM SALAS DE AULA DO ENSINO SUPERIOR

Francineide Marques (1); Maria Aparecida Vieira de Melo (1)

(Universidade Federal da Bahia, francineidemarques@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba, m_aparecida_v_melo@hotmail.com)

Resumo: Apresentamos neste texto duas experiências de mulheres sertanejas - uma negra e uma branca - na academia e trazemos o conceito foucaultiano da arqueologia do saber como um elemento que evoca a indagação sobre as contradições em salas de aula universitárias ditas “descolonizadoras”, “construtivistas”. Refletimos sobre a condição de mulheres intelectuais sertanejas que, a partir das nossas experiências, de uma ancestralidade nordestina, pensamos sobre práticas docentes que visam desconstituir os discursos e enunciações trazidas do sertão nordestino, em favor de lógicas intelectuais consolidadas. Utilizamos aqui as nossas narrativas, destacaremos momentos das nossas vidas como ilustração e ponto de partida sobre a problematização do tema em um exercício feminista auto etnográfico.

Palavras-chave: Memória discursiva, Decolonialidade, Mulheres nordestinas, Experiências.

Introdução

Este trabalho vislumbra a perspectiva enunciativa de mencionar o *corpus* das narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior. Tem por finalidade: escavar alguns conceitos da arqueologia de saber de Foucault (2010), como discurso, enunciado, formação discursiva e materialidade. Também tratar sobre o discurso da pedagogia decolonial de ensino no contexto universitário. Descrever a memória discursiva das práticas pedagógicas decoloniais no contexto universitário e por fim, explicitar a irrupção que as acadêmicas nordestinas têm experienciado em um duplo movimento, a saber: ora como aprendentes em sua formação continuada e ora como protagonistas da prática pedagógica decolonial, fomentando outra

visão do ser, do poder e do saber da eurocêntrica.

Metodologicamente é uma pesquisa qualitativa, com o procedimento analítico/argumentativo, ancorado na análise arqueológica do discurso de Foucault (2010), em sua corrente francesa, dando ênfase aos conceitos: discurso, enunciado, formação discursiva e materialidade. Também está sendo tratado o enunciado da pedagogia decolonial apregoado por Candau (2005) e Walsh (2001).

Tem-se como resultado a memória discursiva de reafirmação do ‘lugar da mulher ser onde ela quiser’, primando por seu protagonismo sociohistórico e cultural de afirmação de si, enquanto mulher – negra e branca, com reconhecimento e pertencimento de suas ancestralidades, com o reconhecimento



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

de seu lugar de origem e defensoras dos direitos humanos.

Esta reflexão promove a conclusão de que as mulheres podem se emancipar socialmente, ter uma formação acadêmica ascendente, sem abrir mão da identidade que lhe constitui mulher, como ser filha, mãe, irmã, ter os seus direitos como licença maternidade, assumir a gestão de departamentos, encabeçar pesquisas científicas e praticar a sua religiosidade, a sua orientação sexual, ser feminista, etc. Enfim, a arqueologia de uma força feminista se materializa pelas conquistas que as mulheres nordestinas têm galgado, enquanto advogada e mãe de duas filhas, com produções acadêmicas – a autora; professora universitária, com várias produções científicas entre artigos e livros publicados, sem negar a sua identidade cultural, territorial e social, ou seja, sua ancestralidade – a coautora.

TERRITÓRIO DE ENUNCIÇÃO METODOLÓGICA

O procedimento analítico/argumentativo realizado metodologicamente nesta pesquisa qualitativa, faz jus a teoria da análise arqueológica do discurso de Michel Foucault (2010) que tende por finalidade tratar do discurso enquanto enunciado.

Em sendo assim, segundo Foucault (2010) entende-se por discurso, como

um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um

conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 2000, p. 135, grifo do autor).

Neste sentido, depreende-se que o discurso é o acontecimento que em sua emergência traz à tona o aparecimento de um *corpus*, ou seja, a materialidade do discurso, aqui defendido como ‘narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’. Desse modo, em 2007 a coautora emerge no território do ensino superior, na Unidade Acadêmica de Garanhuns - UAG da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, sendo esta a primeira interiorização da UFRPE, possibilitando a formação em quatro campos de domínios, a saber: pedagogia, agronomia, zootecnia e veterinária, mas não é isso que nos interessa aqui, abordar os cursos da UFRPE na UAG.

Destes campos de formação, o da coautora é o da pedagogia. Houve assim uma irrupção no território existencial, permeando a emancipação social e o amadurecimento intelectual da coautora, que desde então tem com uma certa regularidade escavado o conhecimento por meio da formação continuada e, simultaneamente tem exercido a prática pedagógica numa perspectiva decolonial em suas experiências, enquanto professora no ensino superior, perfazendo assim, uma descontinuidade cronológica na atuação, justamente, por atuar tanto presencial quanto na modalidade da educação a distância no ensino superior. Assim temos, desde 2013-2018, até os dias atuais, a sua atuação neste duplo movimento de mediadora do conhecimento no território do ensino superior.

Sabendo que o discurso é um conjunto de enunciados, se faz necessário explicitar como Foucault se ocupa em conceitua-lo, pois para ele o enunciado “é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (2010, p, 31), desse modo, o acontecimento é

uma função de existência que pertence exclusivamente aos signos, e a partir da qual se



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Políticas e Práticas

pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos [...] que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2000, p. 99, grifos do autor).

O ato da coautora ser professora universitária só foi possível após a sua formação no ensino superior, emergindo, portanto a possibilidade de torna-se profissional da educação, isto é, a existência da sua formação no curso de pedagogia, a levou a trilhar o horizonte da prática pedagógica no ensino superior, não somente, pois a partir do signo diploma de pedagogia, lhe possibilitou atuar pedagogicamente na educação básica, na modalidade da educação de jovens e adultos, na educação infantil, na educação a distância e no ensino superior por mais de cinco anos de atuação.

De modo que por se entender enunciado enquanto um acontecimento e o acontecimento enquanto a emergência de um discurso, o fato das nordestinas terem galgado o território universitário é de fato um grande acontecimento, pois bem como pronuncia Foucault

Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à

reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (2010, pp.31-32).

Assim sendo a materialidade do acontecimento das ‘narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’ se dá através da materialidade de seus diplomas de graduação e pós-graduação e dos demais escritos que têm realizado ao longo de sua formação e atuação.

O *corpus* das ‘narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’, dar-se no sintagma dos 2 anos de ensino superior na Universidade Estadual de Alagoas, campus de Palmeira dos Índios, quando por meio da disciplina de Didática aconteceu a viagem para a cidade de União dos Palmares/Al, para aula nos museus da cidade e também a visita a Comunidade Quilombola do Zumbi dos Palmares, vivenciando assim a pedagogia decolonial.

Assim como na UFAL com a tutoria no curso de aperfeiçoamento no curso “educação para as relações etnicorraciais”, também foi vivenciado a prática pedagógica decolonial na UFRPE pelo programa nacional da formação de professores da educação básica – PARFOR/UFRPE, quando foram realizadas viagens para Buíque/PE para a vivência da ecologia dos saberes dos povos indígenas, quilombolas e camponeses; ainda pela UFPE o documentário “escolarizando o mundo” possibilitou um reflexão decolonial do ser, poder e saber, promovendo a insurgência do perigo que é a educação colonizadora que desinstitucionaliza o ser de seu saber e poder, colocando-o no lugar de produtor para o seu senhor, ou seja, a educação torna-se promotora



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

de uma qualificação profissional para atuar na cidade enquanto o campo fica esvaziado.

Já a autora, driblou os obstáculos de classe, raça, origem e sexualidade ao se empenhar até o adocimento, para a conclusão de cursos de graduação e especialização em Direito na Universidade Federal da Bahia local onde teve a experiência de escuta de uma professora que disse durante as avaliações “que dava sempre um ponto a menos nas avaliações para que você não fique ‘se achando melhor’”. O enfrentamento a essas situações injustas, racistas e excludentes, não foram suficientes para banir a autora das salas de aula em cursos de nível superior, pois mesmo face a essas situações de adversidade em que se via exposta a humilhações decorrentes da sua fala com sotaque do interior, do sertão resistiu dando continuidade à sua formação acadêmica.

Nesta perspectiva, a prática da decolonialidade para Candau (2010), representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber (CANDAUI, 2017). *Modus operandi* que desloca a posição de sujeito para um outro posicionamento de reconhecimento, valorização, pertencimento identitário e cultural, *corpus* amalgamados com o ser, o poder e o saber não eurocentrados, etnocentados e sociocentrados.

Nesta mesma perspectiva de entendimento Walsh, denomina a pedagogia decolonial como

a práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto, não somente denunciativa – em que o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento. Em outros termos, a construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos

de ensino e de transmissão de saber, que concebe a pedagogia como política cultural (2006, p. 15).

Tratar da especificidade da pedagogia como política cultural é primar pela própria cultura e identidade dos aprendizes, pois historicamente nos currículos escolares os conteúdos a serem ensinados e materializados, representativamente nos livros didáticos deslocam os negros, as mulheres, os camponeses, os quilombolas e os indígenas enquanto sujeitos de direitos para trata-los como subalternos e submissos ao ser, poder e saber superior, eurocentrados.

Por isso a pedagogia decolonial propõe uma outra *práxis* que inverta a posição do sujeito para ele ser, poder e saber sendo assim reconhecidos, legitimados e aceitos nos espaços institucionais que por décadas os negaram, os silenciaram, os ocultaram. Atualmente os espaços de poder, as universidades por exemplo têm uma abertura maior de convivência com os sujeitos de direito que outrora ficaram de fora.

Em se tratando ainda da pedagogia decolonial, ela permeia a formação da coautora em um duplo movimento a saber, em sua formação continuada, como cursos de extensão – educação para as relações etnicorraciais pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2012), cursos de pós-graduação nível *latu sensu* – educação do campo - UFAL (2014); educação em direitos humanos e diversidade - UFAL (2013); história e cultura dos povos indígenas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (2016) e curso de pós – graduação nível *strictu sensu* mestrado em educação cultura e identidades – UFRPE/FUNDAJ (2015), *a posteriori* e em andamento o doutorado em educação na linha da educação popular pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, com a produção da tese sobre “a ordem do discurso do programa nacional do livro didático para a educação do campo” (em desenvolvimento). Por outro lado, paralelamente sua atuação enquanto professora



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

universitária e da educação básica atua pondo em movimento os saberes apreendidos promovendo a prática pedagógica decolonial, reconhecendo o posicionamento dos sujeitos aprendizes em seus modos de ser, poder e saber autênticos.

Vale ressaltar que o território formativo e profissional ocupado pela coautora é um espaço em disputa, pois é preciso que ela busque sempre mostrar o quanto sabe para ocupar tal posicionamento, tendo em vista que ainda sofre com o preconceito e a discriminação, inclusive pelos sujeitos aprendizes quando riem do seu jeito de falar e de como fala (o sotaque rasteiro de uma nordestina) que causa risos em quem ouve, por assim denominam que “é engraçado o seu jeito de falar” “és de onde?” “quem é teu orientador/a?” são enunciados que demarcam a necessidade de autoafirmação e reafirmação de ser capaz em ser professora universitária e ser doutoranda, por ter sido do campo e assim ter se distanciado do seu local de origem – Sítio Luz, Canhotinho/PE aos seus 24 anos de idade.

O fato de ser imigrante do campo não deve lhe tornar ser menos, pois como Paulo Freire (1997) enuncia nascemos limitados e não condicionados. Por conseguinte, é movida por esta convicção de que é limitada geográfica e economicamente, mas não é condicionada a manter o status quo de sua origem per capita que a faz madrugalar e estudar itinerantemente para superar as fronteiras epistêmicas do conhecimento eurocêntrico.

São estes discursos, acontecimentos e enunciados que permeiam a formação discursiva, a qual é assim enunciada por Foucault (2010) em seu livro Arqueologia do saber, “a análise do enunciado e da formação discursiva são estabelecidas correlativamente”, porque “a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa” (p.135). Ainda abordando

conceitualmente a formação discursiva Foucault a denomina de

Um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (2010, p.82).

Por conseguinte, ‘um feixe complexo de relações que funcionam como regra’ é campo associado que estabelece os domínios em que tal enunciado se encontra, como as ‘narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’.

Abordar a formação discursiva que permeia o enunciado ‘narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’ é adentrar na memória discursiva e por meio dos feixes de lembranças evocar as práticas decoloniais em um duplo movimento, um enquanto aprendiz e outro enquanto ensinante no território do ensino superior, promovendo assim a materialidade de suas narrativas nos espaços acadêmicos, cujas aparecem escritas (dissertações), faladas – momento de interação em sala de aula, demarcando o “lugar da minha fala”. Para Foucault (2010, p. 7) a materialidade é

uma memória milenar e coletiva que se servia de **documentos materiais** para reencontrar o frescor de **suas lembranças**; ela é o trabalho e a utilização de uma **materialidade documental** (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.). (grifos do autor)

É desse modo que a materialidade das ‘narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’ tem se materializado por meio das lembranças, dos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

materiais escritos, como livros, artigos, ensaios e suas narrativas orais que demarcam o seu posicionamento de sujeito no movimento da prática pedagógica decolonial do ser, poder e saber.

ENUNCIANDO OS ACHADOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

A pesquisa qualitativa que se desenhou neste texto foi acerca do enunciado das ‘narrativas de acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’ em um duplo movimento, ora como aprendizes, ou seja, em seus processos formativos (graduação, pós-graduação – *latu sensu* e *strictu sensu*, cursos de aperfeiçoamento e extensão), ora como protagonistas da prática pedagógica decolonial que permeia um posicionamento do sujeito contrário ao eurocêntrico, primando por seus modos próprios de ser, poder e saber. Essa trilogia permeia a pedagogia decolonial na perspectiva da interculturalidade, a qual é assim definida por Catherine Walsh, a saber

Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade.

Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.

Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. Uma meta a alcançar. (WALSH, 2001, p. 10-11).

É pelo que está posto acerca da pedagogia decolonial na perspectiva da interculturalidade que a trilogia ser, poder, saber se ressignifica na fronteira epistêmica do conhecimento, tal como é vislumbrado por Walsh ao enunciar que “O pensamento de fronteira significa

tornar visíveis outras lógicas e formas de pensar, diferentes da lógica eurocêntrica dominante” (2001, p. 14).

Abordar as ‘narrativas das acadêmicas nordestinas em sala de aula do ensino superior’ também possibilitou a irrupção do sujeito autora e coatora a se posicionarem na lógica de ser, poder e saber se colocar na perspectiva da autoenografia, ou como aborda o Foucault da ética e do cuidado de si, fazer a escrita de si numa perspectiva arqueogenealógica.

ASSINALAÇÕES CONCLUSIVAS

A reflexão arqueogenealógica realizada neste texto possibilitou-nos atingir aos fins que nos propomos, a saber dos objetivos assinalados: escavar alguns conceitos da arqueologia de saber de Foucault (2010), como discurso, enunciado, formação discursiva e materialidade. Conceitos que indicam o discurso enquanto enunciado e acontecimento que precisam de um feixe de relações por meio de sua materialidade.

O tratamento dado sobre o discurso da pedagogia decolonial de ensino no contexto universitário foi vislumbrado num duplo movimento – no ato da formação continuada e na prática pedagógica desenvolvida no ensino superior enquanto professora universitária da Universidade Estadual de Alagoas, da Universidade Federal de Alagoas, da Universidade Federal Rural de Pernambuco e da Universidade Federal de Pernambuco, narrativas que foram descritas por meio da memória discursiva das práticas pedagógicas decoloniais no contexto universitário, culminando com a explicitação da irrupção que as acadêmicas nordestinas experienciaram num duplo movimento, a saber: ora como aprendentes em sua formação continuada e ora como protagonistas da prática pedagógica decolonial, fomentando outra visão do ser, do poder e do saber.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

Por conseguinte, a memória discursiva das ‘narrativas de nordestinas acadêmicas em sala de aula do ensino superior’ demarca a emergência do acontecimento da formação em nível superior que paulatinamente vai sendo tecida através da resistência, do empoderamento e da consciência de ser, poder e saber, movidas pela força de sua ancestralidade que faz a ir adiante, mesmo em meio as fronteiras epistêmicas do conhecimento, as acadêmicas seguem narrando a sua história com protagonismo e autoria.

Portanto, esta reflexão promove a seguinte conclusão – as mulheres negras e brancas, pobres, camponesas, quilombolas, indígenas podem ser o que elas quiserem, a depender de sua escolha, as mulheres de modo geral e, em particular, podem se emancipar socialmente, sair do julgo da dominação, do machismo, da opressão, basta que elas busquem fazer a sua história escrita pelo avesso do padrão cultural arraigado na sociedade, ou das normas apregoadas pela sociedade estabelecidas historicamente.

Enfim, a arqueologia de uma força feminista se materializa pelas conquistas que as mulheres nordestinas têm galgado ao se deslocarem do lugar comum que a mulher sempre esteve presente, apenas em ser do lar, hoje a mulher pode ser e está em qualquer lugar e fazendo qualquer coisa, pois há uma abertura maior possibilitada pela educação que lhe confere a legitimidade de ocupar instituições de ensino superior para estudar e para ensinar, assim como aqui foi desenhado com as narrativas das nordestinas acadêmicas em sala de aula do ensino superior.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V.M. *Escola e cultura(s)* - As tensões entre universalidade e multiculturalismo. Texto apresentado na Reunião da Anped sudeste, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

WALSH, Catherine. *La educación Intercultural en la Educación*. Peru: Ministerio de Educación. (documento de trabalho), 2001.